

Resultativas adjetivais e o estatuto *nu* do adjetivo

Adjectival resultatives and the bare adjective

Andrea Knöpfle
Universidade Federal do Paraná

Resumo

A proposta deste trabalho é investigar o caráter *bare* (nu) dos adjetivos das resultativas adjetivais do alemão. Kratzer (2005) afirma que o adjetivo nas resultativas precisa ser *bare*, do contrário a construção é malformada. A autora especula que nas línguas românicas o fato de os adjetivos serem flexionados desde o início da derivação sintática poderia ser um fator que condicione a variação paramétrica. À luz dos dados de resultativas em alemão, a pergunta que eu coloco é: o que precisamente significa *bare*? A análise empírica é estendida aos dados do português do Brasil (PB), como forma de reforçar a hipótese em Kratzer (2005). Levanto, ainda, questões para a análise morfológica das resultativas de forma geral, levando sobretudo em consideração dados de resultativas do alemão com adjetivos que não parecem, à primeira vista, *bare*.

Palavras-chave

Resultativas adjetivais, Adjetivo, Nu, Flexão, Derivação.

Abstract

In this work, I investigate the alleged bare status of the adjective in adjectival resultatives in German. According to Kratzer (2005), the adjective in adjectival resultatives has to be bare; otherwise

the data is ill formed. The author speculates that this might be a reason to explain the parametric variation crosslinguistically. In romance languages, the adjectives are fully inflected from the beginning of their syntactic derivation. Taking examples from adjectival resultatives in German into account, the question I ask is: what does bare precisely mean? The analysis is extended to Brazilian Portuguese data, reinforcing Kratzer's 2005 hypothesis. I also raise questions about the morphological analysis of adjectival resultatives in general, presenting adjectival resultatives data in German that doesn't seem to be, at a first glance, bare.

Keywords

Adjectival resultatives, Adjective, Bare, Inflexional, Derivational.

Introdução

As resultativas adjetivais são estruturas causativas formadas a partir de um verbo matriz intransitivo, um DP_{Acc} e um sintagma adjetival, segundo a descrição primeiramente em Kratzer (2005). O verbo aciona o evento, que tem sua ‘causatividade’ sofrida pelo DP_{Acc} e estado resultante denotado pelo AP. Seguem em (1) alguns exemplos desse tipo de ocorrência em alemão:

- (1) a. Er hat die Teekanne leer getrunken.
 Ele teve a chaleira vazio bebido
 ‘Ele esvaziou a chaleira bebendo (o seu conteúdo).’
- b. Das Kind hat das Bettchen voll gekotzt.
 A criança teve a caminha cheio vomitado
 ‘A criança vomitou por toda a caminha.’
- c. Er hat das Papier naß geniest.
 Ele teve o papel molhado espirrado
 ‘Ele molhou o papel, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o papel.’
- d. Der Clown hat das Kind fröhlich getanzt.
 O palhaço teve a criança alegre dançado
 ‘O palhaço alegrou a criança, dançando para ela.’

Em (1)a, o sujeito *ele* pratica uma ação de beber, que tem como resultado *a chaleira vazia*. O DP_{Acc} *a chaleira* não se comporta como argumento semântico do verbo, pois o que foi bebido é algum conteúdo (líquido); o verbo, portanto, está em uso intransitivo. Para (1)b, imaginamos que uma criança vomitou de tal forma que a caminha em que estava ficou cheia de vômito. Em (1)c, alguém espirrou sobre o papel, que ficou molhado devido ao espirro. Em (1)d, um palhaço dançou para uma criança, que ficou alegre como resultado da dança.

Nos dados em (1)b-d, os DPs_{Acc} não são argumentos semânticos dos verbos: o que foi vomitado não foi a cama, o que foi espirrado não foi o papel, nem a criança é objeto de dançar. Os verbos *kotzen* (vomitar), *niesen* (espirrar) e *tanzen* (dançar) são intransitivos. Nota-se, ainda, que, se os APs das sentenças em (1) forem retirados, o falante vai interpretar os DPs_{Acc} como argumentos semânticos dos verbos, rejeitando os dados.

Neste trabalho, pretendo investigar o estatuto *bare* do adjetivo que Kratzer (2005) assume nas resultativas adjetivais. Para a autora, a formação de uma resultativa adjetival está condicionada a restrições de ordem morfológica. Para o adjetivo (ou a raiz adjetival) poder se incorporar em [cause], é fundamental que seja *bare* (termo traduzido por *nu* na literatura em língua portuguesa, que doravante adoto). Por *nu* a autora entende raízes adjetivais não flexionadas, que aparecem em todas as construções predicativas no alemão. Esse seria inclusive um dos fatores que condicionam a variação paramétrica quanto à ocorrência de resultativas nas línguas.

O tratamento dado para as resultativas em termos da representação sintática e mesmo a relação de causa adotados para este trabalho (segundo Kratzer) não são unanimidade na literatura e poderiam suscitar questões de ordem semântica e sintática. Para os efeitos deste trabalho, no entanto, vou assumir a análise apresentada, seguir adiante na tentativa de investigar o estatuto *nu* dos adjetivos em alemão, e ver como essa análise se estenderia para os adjetivos no português do Brasil (doravante PB).

O trabalho está assim dividido: na primeira parte, apresento a análise morfológica para as resultativas em Kratzer (2005), bem como sua motivação. Na segunda parte, abordo brevemente as resultativas do PB e suas restrições de produtividade. Na terceira parte, abordo o estatuto *nu* dos adjetivos em alemão, e busco estender a análise para os adjetivos do PB. Discuto ainda a possibilidade de resultativas com adjetivos que poderiam desafiar a hipótese do estatuto *nu*. Na última seção, exponho algumas considerações finais e apresento questões ainda em aberto para pesquisa futura.

1. A hipótese morfológica em Kratzer (2005)

1.1 Sintaxe, semântica e motivação morfológica

Sigo a hipótese em Kratzer (2005), segundo a qual o verbo na estrutura sintática é sempre intransitivo¹ – mesmo que em alguns casos tal verbo seja aparentemente transitivo.² A ocorrência das resultativas fica, portanto, restrita a verbos intransitivos inergativos, excluindo os transitivos e os inacusativos.

A autora concebe o DP_{Acc} da estrutura superficial como argumento interno do adjetivo. Da sua posição de origem (argumento interno da raiz adjetival), o DP se move para checar Caso Acc, mostrando assim em estrutura superficial características sintáticas de objeto do verbo. Sintaticamente, a autora coloca o AP como irmão de V.³

De acordo com uma semântica de eventos neo-davidsoniana, Kratzer (2005) procura derivar composicionalmente a semântica das resultativas. Tomemos o VP *die Teekanne leer trinken* (beber a chaleira vazio, significando: *esvaziar a chaleira, bebendo o seu conteúdo*).⁴ Em um determinado estágio da derivação, precisa-se combinar a denotação do AP (*die Teekanne leer – a chaleira vazio*) com a denotação do VP, ou seja: a denotação do AP (uma propriedade de estados) deve ser combinada a uma propriedade de *ser uma ação de beber*. Tal combinação, feita por meio de um princípio composicional como Identificação de Eventos,⁵ seria problemática. Isso porque, ao combinarmos uma propriedade de estado (AP) com uma propriedade de eventos (VP), teríamos uma propriedade vazia, uma vez que não existe uma eventualidade *estado e ação* ao mesmo tempo.

Assim, Kratzer (2005) primeiro especula uma operação de *type shift*, ou *shift* causativo. Um *shift* desse tipo permitiria a combinação de uma propriedade de estados a uma propriedade de eventos. Simplificadamente, é como se o tipo semântico de uma propriedade de estados (do tipo <s,t>) fosse ‘transformado’ em outro tipo semântico (tipo <e,t>, uma propriedade de ações), fazendo com que uma propriedade de estados fosse mapeada em uma propriedade de ações – introduzindo assim a interpretação causal.⁶ O problema do *type shift*, além de conceptual (ser um princípio de composição não ortodoxo, nas palavras de Kratzer (2005)), é não dar conta de explicar a agramaticalidade de resultativas em que participios/gerúndios se comportam como adjetivos:

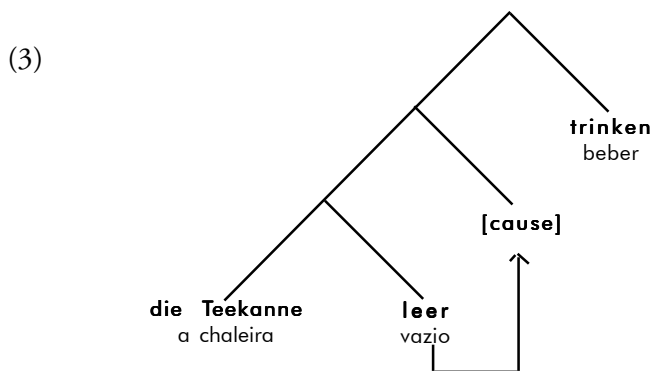
- (2) a. *The maid scrubbed the pot shined/ shining.
 a'. *Das Mädchen hat den Topf gegläntzt/ glänzend⁷ geschrubbt.
 A moça teve o pote brilhado brilhando esfregado.
Sentido pretendido: 'A moça esfregou o pote e ele ficou brilhando.'
- b. *The jockeys raced the horses sweating.
 b'. *Die Jockeys rennen die Pferde geschwitzt.
 Os jockeys galoparam os cavalos suado
Sentido pretendido: 'Os jockeys galoparam de forma que os cavalos ficaram suados.'
- c. *The chef cooked the food blackened.
 c'. *Der Küchenchef kochte das Essen angenbrannt.
 O chefe cozinhou a comida queimado
Sentido pretendido: 'O chefe cozinhou a comida e ela ficou queimada.'
- d. *She knocks herself frightening.⁸
 d'. *Sie klopft sich erschreckend.⁹
 Ela bateu SICH_{reflexivo} assustado
Sentido pretendido: 'Ela ficou assustada ao bater (na porta).'

A regra de *shift* causativo aplicada à denotação dos APs apresentados ([the pot shined/ shining], [the horses sweating], [the food blackened] e [herself frightening]) não barra as resultativas agramaticais em (2), sobregerando dados. Parece inclusive não haver nenhum tipo de 'incoerência' semântica nos dados ruins desse exemplo: um evento de *scrub* (esfregação) faria sentido como um evento cujo resultado é um *shining pot* (pote brilhando), ou então um evento de *rennen* (galopar) ter como resultado *Pferde geschwitzt* (cavalos suados). O que podemos observar, então, é algum tipo de restrição quanto ao tipo de adjetivo que pode participar de uma resultativa adjetival.¹⁰ Kratzer (2005) vai propor uma saída morfológica para a questão.

1.2 Formação de um complexo morfológico

Para introduzir a relação de causa nas resultativas, Kratzer (2005) propõe um item lexical foneticamente nulo, cuja denotação teria o mesmo efeito semântico do *shift* causativo. Trata-se de um afixo foneticamente nulo de tipo afixal, [cause], responsável por tornar os adjetivos eventivos, uma vez que o adjetivo se incorpora em [cause].¹¹ O item lexical [cause] introduz um

argumento eventivo, sem, no entanto, introduzir nenhum outro argumento (por exemplo, um agente). E esse é o esperado para as resultativas (já que o agente do evento de causa (*causing*) é dado pelo DP nominativo da resultativa como um todo). O afixo [cause] toma como complemento um AP, em que o DP é complemento de A. Esquematicamente, temos:



(KRATZER, [2004, p. 37] 2005)

Segundo (3), o adjetivo (ou a raiz adjetival) se incorpora em [cause] para satisfazer as necessidades afixais de [cause], formando um complexo morfológico.¹² A estrutura hipotetizada pela autora é: [[cause]_{AP}[A DP]].

Contudo, como vimos em (2), não é qualquer adjetivo que pode participar de uma resultativa, sendo tal restrição por hipótese morfológica. Temos, então, em A+[cause] uma adjunção de núcleo a núcleo. O adjetivo, no entanto, para se mover (e se incorporar a [cause]), precisa satisfazer certas condições morfológicas – condições essas impostas pelo afixo. Se o adjetivo satisfaz as condições impostas por [cause], a resultativa é bem formada (cf (1)). Já se não satisfaz, a resultativa é ruim, a exemplo de (2).

Kratzer (2005) se baseia em uma abordagem que leva em conta a ordenação dos afixos derivacionais, seguindo os trabalhos de Hay (2000) e Hay e Plag (2004). O traço [cause], sendo trazido por um afixo derivacional foneticamente nulo, não deveria ser capaz de aparecer seguido dos sufixos *-ing* e *-ed*, do inglês, que são altamente separáveis. Já se *-ing* e *-ed* não forem afixos derivacionais, mas flexões, é menos esperado ainda que um afixo derivacional como [cause] se combine depois de itens como *-ing* e *-ed*. Nota-se que, independentemente da abordagem de ordenação dos afixos, uma explicação morfológica não se sustentaria se o *shift*

causativo fosse o responsável pela interpretação causal das resultativas. Contudo que a denotação dos participípios/gerúndios seja a mesma do adjetivo simples, o *shift* é cego à morfologia dos adjetivos. Já se a relação causal é trazida por um afixo derivacional foneticamente nulo, uma restrição de ordem dos afixos poderia ser capaz de prever a agramaticalidade de (2).

1.3 Evidência para [cause]

Como evidência independente para [cause], Kratzer (2005) argumenta que um afixo desse tipo poderia ser também o responsável pela formação de verbos deadjetivais. Em inglês, esses podem ocorrer com ou sem a presença de um afixo pronunciado característico (cf. respectivamente (4)a e (4)b).

- (4) a. flatten, shorten, blacken, sweeten, stiffen
 a'. verflachen, verkürzen, schwärzen, versüßen, versteifen
 achatar, encurtar, empretecer, adoçar, enrijecer
- (4) b. empty, dry, clean, cool, dim, dirty¹³
 b'. leeren, trocken, säubern, kühlen, verdunkeln, verschmutzen
 esvaziar, secar, limpar, esfriar, escurecer, sujar

Em (4)a, temos os verbos deadjetivais em inglês com a presença do sufixo *-en*; em (4)b, notamos a ausência de qualquer afixo pronunciado. Observe-se que todos os verbos em alemão apresentam o sufixo *-en* (característico da morfologia infinitiva do alemão), e alguns verbos deadjetivais são formados com prefixos como *ver-* (que aparece em algumas das formações em (4)a'-b').

Sabemos que verbos deadjetivais, como *esfriar*, podem ser intransitivos (na verdade inacusativos) ou transitivos, ocorrendo em sentenças como: *A sopa esfriou* e *Maria esfriou a sopa*. Na versão intransitiva, temos uma relação de causa, mas não um agente. Já na versão transitiva, temos ambos. Pylkkänen (2002), com base no trabalho de Kratzer (1996), argumenta que projeções funcionais como VoiceP seriam responsáveis por introduzir agentividade, mas acredita que existem ainda outras projeções funcionais responsáveis por introduzir causatividade. Pylkkänen (2002) defende que traços causativos e traços *voice*, apesar de diferentes, podem ser agrupados em algumas línguas, e pronunciados juntos também. Esse, aliás, é o argumento da autora para explicar variações paramétricas entre as línguas (como alternâncias causativas, por exemplo). Dessa forma, o sufixo *-en* do inglês (e acredito

que o prefixo *ver-* do alemão) podem trazer não somente o traço [cause], mas também outros traços, como *voice*. O traço *voice* [ativo] seria responsável pela versão transitiva do verbo, e o traço *voice* [não ativo], pela versão intransitiva.¹⁴ Dito de outro modo, [cause] seria também responsável por formar verbos deadjetivais.

Se o sufixo *-en* do inglês e o prefixo *ver-* do alemão trazem os traços [cause] e *voice*, a pergunta é por que a raiz adjetival de uma resultativa pode se combinar com um afixo que carrega [cause], mas não com um afixo que carrega [cause] e outros traços, como *voice*. Para Kratzer (1996), os traços *voice* são traços flexionais; já os traços [cause] são traços derivacionais (*ibid*, 2005). Dessa forma, por alguma razão desconhecida, a formação do composto [A+[cause]] é barrada na presença de traços flexionais em A.¹⁵

Na próxima seção, vou abordar brevemente as resultativas do PB, uma língua românica. Kratzer (2005) aponta que não são possíveis resultativas adjetivais nessas línguas, e uma razão para tanto poderia ser formulada em termos de restrições morfológicas.

2. As resultativas em PB

2.1 Sobre a produtividade

Tomando como base os dados em (1), notamos que as traduções das resultativas do alemão para o PB não apresentam a mesma estrutura sintática. Já em inglês, tanto a estrutura quanto o sentido se mantêm.¹⁶ Vejamos mais alguns dados:

- (5) a. Sie kauften den Laden leer.
 b. They bought the shop empty.
 c. *Eles compraram o mercado vazio.
 d. Eles esvaziaram o mercado comprando tudo.
- (6) a. Er kochte seine Familie magenkrank.
 b. He cooked his family stomach sick.
 c. *Ele cozinhou sua família doente do estômago.
 d. Ele deixou sua família doente do estômago, cozinhando para ela.
- (7) a. Sie shossen ihn tot.
 b. They shot him dead.
 c. *Eles atiraram nele morto.
 d. Eles o mataram, atirando nele.

Como podemos ver, os dados em (c) são agramaticais em PB (no sentido relevante); para mantermos o sentido das resultativas em (a)-(b), precisamos fazer uso de uma estrutura diferente de [Sujeito V DP_{Acc} AP], como mostram as sentenças em (d). Isso significa que não conseguimos formar em PB estruturas causativas (como as resultativas em (1)) com verbo matriz intransitivo, DP_{Acc} e adjetivo. Existem, no entanto, estruturas do tipo [Sujeito V DP_{Acc} AP] (ou muito semelhantes a elas) em PB que já foram chamadas de resultativas na literatura por Foltran (1999) e Lobato (2004). As sentenças estão em (8):

- (8) a. Ele cortou o cabelo curto.
 b. Ela costurou a saia justa.
 c. Ele desenhou o círculo torto.
 d. Ele pintou o quadro bem colorido.
 e. Ele fabricou a cadeira torta.¹⁷

Em (8)a., a ação do verbo *cortar* causou *o cabelo ficar curto*; isso também se pode dizer para (8)b-c: as ações de *costurar* e *desenhar* causaram *a saia ficar justa* e *o círculo ficar torto*. Lobato (2004) enumera os casos em que os adjetivos precisam ser modificados em grau para licenciar uma resultativa em PB, a exemplo de (8)d. Nota-se ainda que, diferentemente das resultativas do alemão e do inglês, nas resultativas do PB os verbos são transitivos e muitas vezes de criação, em que o DP_{Acc} só passa a existir após a ação do verbo. Ainda, conforme apontado por Foltran (1999), a adição do sintagma resultativo em PB não tem a propriedade de transformar o evento atélico em télico. Paralelamente, podemos observar nos dados em (8) que a exclusão do sintagma resultativo não gera agramaticalidade, o que é esperado se levarmos em consideração que os DPs objeto são argumentos dos verbos. Aqui, reforço uma diferença entre as sentenças em (1) e em (8): em (1), a retirada do AP gera dados agramaticais, uma vez que o DP_{Acc} não pode ser argumento do verbo matriz intransitivo.

Foltran (1999) e Lobato (2004) admitem restrições de produtividade das resultativas do PB se comparadas às do inglês. O PB não é capaz de licenciar estruturas como *shot him dead* (atirar ele_{Acc} morto), na qual a interpretação de *dead* (morto) é dada como sendo a propriedade que *him* (ele_{Acc}) adquire após a ação de *shoot* (atirar).

Curioso é pensar por que estruturas do tipo (1) e (5)-(7)a são bem formadas em alemão e não o são em PB. Isso nos leva à hipótese de que, apesar da

semelhança dos dados em (8) com as resultativas do alemão, estamos diante de fenômenos distintos. Barbosa (2008) defende que não existem resultativas em PB com equivalência semântica e estrutural às resultativas do inglês. Resumidamente, o autor defende (com base em PARSONS, 1990) uma diferença semântica em relação à função do sintagma resultativo: enquanto em inglês o sintagma resultativo denota o estado resultante da ação, em PB tal sintagma é modificador de estado resultante, obtido no conteúdo semântico do verbo juntamente com seu argumento interno. O autor cita como exemplo *construir a ponte sólida*. Como verbo de criação, e portanto *accomplishment*, o resultado da ação é expresso no DP_{Acc}: *a ponte*. O estado *sólida* predica sobre o resultado já expresso na ação verbal. Assim, o predicado secundário se comporta como um adjunto.

Desta forma, apesar da semelhança estrutural entre as resultativas do alemão e as ditas resultativas do PB (os dados (1) e (8), respectivamente), podemos notar que estamos diante de construções distintas, sobretudo se levarmos em conta que: (i) o verbo matriz das sentenças em (1) é intransitivo, diferentemente de (8); (ii) a supressão do sintagma adjetival em (1) gera dados agramaticais, diferentemente de (8).¹⁸

Portanto, para efeito deste trabalho, quando mencionar *resultativas adjetivais*, farei referência às estruturas do tipo em (1) e (5)-(7)a, com verbo intransitivo e DP_{Acc} argumento de A, e que não são licenciadas em PB nesse tipo de estrutura: [V DP_{Acc} AP]. Justifico o recorte: é esse tipo de ocorrência (e não sentenças como em (8)), que Kratzer (2005) analisa e explica sua impossibilidade em certos casos em termos de restrições morfológicas. Vale mencionar que o alemão também possui estruturas como as em (8). No entanto, para a autora, em tais sentenças o adjetivo é, na verdade, um advérbio,¹⁹ e o DP_{Acc} não é argumento de A (é complemento do verbo).²⁰ Para Kratzer (2005), as línguas românicas não possuem resultativas adjetivais, pois em sentenças do tipo *Ela cortou o cabelo curto*, *curto* seria advérbio.²¹ De qualquer modo, interessa para este artigo analisar os adjetivos quanto às suas propriedades morfológicas, no sentido de licenciarem ou não a formação do composto morfológico (incorporação de A em [cause], conforme explicado na seção 1.2).

2.2 Restrições de ordem nos afixos derivacionais e os dados do PB

Seguindo a ideia de Kratzer (2005), uma possibilidade para explicar a não ocorrência de resultativas adjetivais nas línguas românicas é a incompatibilidade

morfológica dos adjetivos, nessas línguas, com a morfologia do afixo [cause].

Neste trabalho, interessam-nos os dados do PB. Vejamos primeiro a questão relativa à ordem dos afixos. Lembro que, segundo Kratzer (2005), existiria uma certa restrição de ordem para os afixos, de forma que afixos derivacionais não deveriam ocorrer depois de afixos flexionais. Vejamos as sentenças do PB:

- (9) a. A Maria cortou a saia *enrugada/ enviesada*.
 b. A Maria projetou a sacola *dobrável*.
 c. ?A Maria pintou a cadeira *lustrosa/ o quadro lustroso*.²²

Independentemente de as sentenças em (9) serem ou não resultativas, notamos que a questão de ordem “primeiro morfologia flexional, depois morfologia derivacional” para o PB é mais complicada que a simplificação exposta em Kratzer (2005). Na predicação secundária do PB, como em (9), a restrição de ordem dos afixos parece não ser uniforme. Em (9)a, questiono se a morfologia dos afixos em *negrito* é de fato derivacional: *enrugada/enviesada* – tudo depende do estatuto que se atribui às vogais temáticas verbais. Em (9)b, o predicado *dobrável* não parece apresentar flexão de gênero (mas a vogal tônica recoloca o problema da vogal temática). Para (9)c, mesmo a aceitabilidade sendo duvidosa, os afixos destacados *lustrosa/ lustroso* parecem mais de natureza flexional que propriamente derivacional – novamente dependendo do que se diz sobre o estatuto das vogais temáticas, desta feita nominais.

Como podemos ver, a questão referente à ordenação derivação/flexão é controversa.²³ As sentenças em (9) poderiam ser vistas como potenciais contraexemplos para a postulação de ordem rígida entre processos de derivação anteriores aos de flexão em PB, como sugerido em Kratzer (2005). Isso sem mencionar toda a polêmica que existe na literatura acerca da distinção morfológica entre afixos flexionais e derivacionais (ver, por exemplo, Spencer, 1993, capítulo 6). Mesmo assim, a questão morfológica ainda parece extremamente relevante, sobretudo à luz dos dados em (2).

Paralelamente às restrições de ordem dos afixos, para Kratzer (2005), a propriedade morfológica relevante do adjetivo (para satisfazer as necessidades afixais do afixo) é ser ou não *nu*. Segundo a autora, os adjetivos em alemão têm a propriedade de poderem apresentar a forma *nu*. Já tal propriedade não estaria disponível nas línguas românicas. Nessas, os artigos seriam flexionados desde o início da derivação sintática (não havendo estágio onde aparecessem sem flexão),

não estando disponíveis *nus*. Dessa forma, não é possível que se incorporem a [cause]. Essa seria uma razão, especula a autora, para a variação paramétrica entre a ocorrência de resultativas (em línguas como alemão e inglês) ou a não ocorrência (em línguas românicas).

Se de fato a questão morfológica relevante para a ocorrência das resultativas for o caráter *nu* do adjetivo, essa talvez seja uma opção mais interessante de investigação que a ordem dos afixos, sobretudo porque sentenças como (9) são boas em PB (apesar de (9)c ser já um tanto marginal). Lembro que o fato que instiga este trabalho é a não possibilidade de resultativas adjetivais em PB como em (1) e (5)-(7)a e uma possível correlação desse fato com a forma morfológica do adjetivo. Ainda, parece razoável afirmar que os adjetivos em PB estão sempre flexionados – ou, pelo menos, apresentam diferenças consideráveis em relação ao comportamento flexional dos adjetivos em alemão. Essas diferenças ficarão mais claras na próxima seção.

3. O estatuto *nu* dos adjetivos

3.1 Os adjetivos em alemão

A questão agora é: o que exatamente Kratzer (2005) quis dizer quando se referiu ao caráter *nu* do adjetivo em alemão, requisito necessário para a incorporação de A em [cause]? A autora não define o que entende por *nu*. Podemos, no entanto, perceber em seu texto que existe uma oposição entre *nu* e a presença de flexão.

Vejam os um pouco da gramática do alemão. Os adjetivos nessa língua apresentam flexão em caso, número e gênero (masculino, feminino e neutro). Uma primeira pergunta que pode vir à tona é se *nu* não teria relação com *neutro*. A resposta parece ser não. Os adjetivos nessa língua, em uso predicativo, parecem não apresentar nenhuma marca de flexão, nem mesmo uma vogal temática. Por outro lado, enquanto modificadores (uso atributivo), carregam alguma marca de flexão. Começemos com o paradigma de declinação para o adjetivo *fröhlich* (feliz) e um nome neutro *Kind* (criança).

- (10) a. das fröhliche Kind – ein fröhliches Kind – fröhliches Kind
 definido-neutro-Nom indefinido-neutro-Nom – neutro-Nom
 ‘a criança feliz’ – ‘uma criança feliz’ – ‘criança feliz’

- b. das fröhliche Kind – ein fröhliches Kind – fröhliches Kind
definido- neutro-Acc indefinido- neutro-Acc – neutro -Acc
- c. dem fröhlichen Kind – einem fröhlichen Kind – fröhlichem Kind
definido-neutro-Dat indefinido-neutro-Dat – neutro-Dat
- d. des fröhlichen Kindes – eines fröhlichen Kindes – fröhliches Kindes
definido-neutro-Gen indefinido-neutro-Gen – neutro-Dat

Em todas as ocorrências do adjetivo em (10), ele apresenta alguma marca de flexão. A mesma análise poderia ser feita se, em vez de *Kind* (criança), tivéssemos um nome masculino, feminino ou plural – o que quer dizer que o adjetivo, em ocorrências atributivas, nunca aparece na forma *fröhlich*. Já no uso predicativo (ou depictivo voltado para sujeito ou objeto), o adjetivo é indiferente à qualquer concordância de gênero, caso ou número.

- (11) a. *Der Mann* ist *fröhlich*.
O homem está feliz
'O homem está feliz'.
- b. Ich fand *den Mann* *fröhlich*.
Eu encontrei o homem feliz
'Eu encontrei o homem feliz' *no sentido*: "O homem estava feliz quando eu o encontrei".²⁴
- c. *Der Mann* sang *das Lied* *fröhlich*.
O homem cantou a música feliz
'O homem cantou a música feliz' *no sentido*: "O homem estava feliz quando cantou a música."

Nas sentenças em (11), o adjetivo não carrega nenhuma marca de declinação (e aparentemente nem vogal temática). Vale notar que, para (11)c, se o sentido pretendido fosse: *Foi a música feliz que o homem cantou*, a sentença em alemão seria: "Der Mann sang das *fröhliche* Lied", em que o adjetivo estaria necessariamente anteposto ao nome, e ainda carregaria marca de concordância (uma vez que, nessa situação, o uso não é mais predicativo). Vejamos mais alguns dados do alemão:

- (12) a. João ass *das Fleisch roh*.
 João comeu a carne cru
 ‘João comeu a carne crua’ *no sentido: “Foi crua que João comeu a carne.”*
- b. *João schrieb den Brief besofen*.
 João escreveu a carta bêbado
 ‘João escreveu a carta bêbado’
- c. Rohres Fleisch ist schlecht. Das schlechte Fleisch
 Crua_{neutr-Nom} carne é ruim_{bare def-neutro-nom} ruim carne
 ‘Carne crua é ruim.’ ‘Carnes ruins.’
- d. Besofene Leute sind dumm. Dumme Leute
 Bêbadas_{plur-Nom} pessoas são idiota_{bare plur-nom} idiota pessoas
 ‘Pessoas bêbadas são idiotas.’ ‘Pessoas idiotas.’
 No sentido: “São as pessoas bêbadas que são idiotas.”

Novamente, nos usos predicativos, os adjetivos em alemão não manifestam nenhum tipo de concordância. Lembro que, nas resultativas, o adjetivo não concorda com o DP_{Acc}:

- (13) a. Er trank die Teekannen leer.
 Ele bebeu as chaleiras vazio_{bare}
 ‘Ele esvaziou as chaleiras, bebendo todo o seu conteúdo.’
- b. Die Teekannen wurden leer.
 As chaleiras ficaram vazio_{bare}
 ‘As chaleiras ficaram vazias’.
- c. Die leere Teekannen sind auf dem Tisch.
 As vazio_{pl-Nom} chaleiras estão sobre a mesa.
 ‘As chaleiras vazias estão sobre a mesa’.
- d. Das leere Salzfaß/ der leere Teller ist auf dem Tisch.
 O vazio_{neutro-sing-Nom} saleiro O vazio_{masc-sing-Nom} prato está sobre a mesa
- e. Eine leere Teekanne/ Ein leerer Teller/Ein leeres Salzfaß ist auf dem Tisch.
 Um vazio_{fem-sing-Nom} chaleira/ Um vazio_{masc-sing-Nom} prato/ Um vazio_{neutro-sing-Nom} saleiro está sobre a mesa

Em (13)a, uma resultativa, o adjetivo não apresenta marcas de concordância com o DP_{Acc}. Em (13)b, o mesmo adjetivo em uso predicativo aparece na forma *nu*. Já em (13)c, em uso atributivo, o adjetivo carrega marcas de flexão para plural e nominativo. Igualmente em uso atributivo, observamos as marcas de gênero, número e caso nos adjetivos seguidos de artigo definido em (d) e de artigo indefinido em (e).

Esses dados nos fazem pensar que talvez, de fato, os adjetivos em alemão tenham uma forma *nu* para uso predicativo. E *nu* aqui seria não carregar nenhum tipo de flexão, o que inclui também não ter vogal temática. Na próxima seção, veremos esse tipo de análise estendida aos dados do PB.

3.2 Os adjetivos em PB

Retomemos o dado em (11)c, aqui (14):

(14) *Der Mann* sang das Lied *fröhlich*.

O homem cantou a música feliz

‘O homem cantou a música feliz’ no sentido: “*O homem estava feliz quando cantou a música*”.

No que diz respeito aos dados do PB, existe ambiguidade na sentença: *O homem cantou a música feliz*. A leitura pode ser depictiva voltada para o sujeito, bem como atributiva (*Foi a música feliz que o homem cantou*). À primeira vista, parece que o adjetivo em PB também não carrega marcas de flexão nesse caso. No entanto, se tivermos: *O homem cantou as músicas felizes*, a leitura só pode ser de modificação de *músicas* – isso também vale para: *Os homens cantaram a música feliz*. Se tudo estiver no plural, como em *os homens cantaram as músicas felizes*, a ambiguidade reaparece. Antes, porém, de tratar o adjetivo *feliz* (que aparentemente só apresenta concordância em número), vamos retomar os dados apresentados para o alemão, focando agora no PB. Notamos, no dado (12)a, repetido em (15), que, mesmo no uso predicativo, o adjetivo em PB concorda em gênero com *carne*. Observe que a sentença é ambígua, uma vez que o adjetivo vai sempre concordar com *carne*, nesse caso, independentemente do uso predicativo ou atributivo.

(15) a. João comeu a carne crua

Foi crua que João comeu a carne.

b. João comeu a carne crua

Foi carne crua que João comeu.

Com base nesse dado, já notamos uma sensível diferença quanto ao comportamento dos adjetivos em PB e alemão: diferentemente do alemão, o adjetivo em uso predicativo é flexionado no PB. Mas o que dizer de adjetivos como *feliz* em (14)?

Câmara Jr. (1970) hipotetiza que os adjetivos em PB são flexionados para feminino com o sufixo flexional ou desinência *-a*, e para o plural com sufixo flexional ou desinência *-s*. O masculino e o singular são caracterizados pela ausência de marcação feminino e plural. Na teoria adotada por esse autor, isso quer dizer que existe um morfema zero, marcador de masculino, e outro, marcador de singular. Se essa análise estiver correta, então, mesmo sem marcação evidente de flexão, o adjetivo está flexionado, pois possui os morfemas zero marcadores de masculino e singular. Existindo sempre minimamente morfemas zero desse tipo, então de fato a flexão está sempre presente nos adjetivos do PB.

Paralelamente, o autor discute a presença de vogal temática nominal. No caso de *feliz*, a vogal temática em *-e* é realizada no plural: *felizes*. A vogal temática faz parte do processo de flexão.²⁵ Câmara Jr. (1970) coloca, ainda, que existem nomes sem vogal temática (atemáticos), como os oxítonos em *-á, -é, -ê, -ó, -ô, -u* e *-i* (como: *alvará, candomblé, noitibó, urubu, tupi*).

Sendo assim, se tomarmos como base a ausência de vogal temática como caracterizador de um adjetivo *nu*, então um adjetivo em PB atemático e oxítono poderia participar de uma resultativa. No entanto, se é verdade que os adjetivos em PB são sempre flexionados em gênero e número, mesmo que sua realização seja o morfema zero, então esse fato por si só bloquearia a incorporação de A em [cause].

Se o adjetivo em PB, independentemente do uso atributivo ou predicativo, sempre faz uso de flexão (gênero e número, mesmo quando não realizada lexicalmente, é marcada pelo morfema zero), então faz algum sentido a ideia em Kratzer (2005) de que nas línguas românicas os adjetivos são flexionados desde o início da derivação sintática. Pelo menos é o que parece ser o caso do PB. Se isso for mesmo verdade, então também faz sentido pensar que, devido à impossibilidade de os adjetivos em PB aparecerem sem flexão, eles não são capazes de se incorporarem em [cause], formando um único objeto morfológico e, conseqüentemente, uma resultativa adjetival bem formada. No entanto, o estatuto *nu* dos adjetivos das resultativas enquanto radical *nu* parece ter que enfrentar ainda algumas questões pendentes. É o que aborda a seção a seguir.

3.3 Mais resultativas

Em vista dos dados apresentados até aqui, parece mesmo que os adjetivos das resultativas não carregam nenhuma marca de flexão em alemão, pelo menos não em relação à flexão de gênero, número e caso. Se o adjetivo da resultativa contiver marcas de flexão (concordância em gênero, número e caso com o DP_{Acc}), a resultativa é agramatical, como vemos no dado negativo em (16)a em contraste ao dado gramatical em (16)b. No entanto, os adjetivos em alemão apresentam ainda flexão de grau. Acrescentei então ao paradigma (16) uma resultativa com adjetivo modificado em grau:

- (16) a. * Sie nieste das Taschentuch **naßes**.
 Ela espirrou o lenço-de-papel_{neutro-Acc} molhado-**neutro-Acc**
 ‘Ela deixou o lenço de papel molhado, ao espirrar sobre ele.’
- b. Sie nieste das Taschentuch **naß**.
 Ela espirrou o lenço-de-papel molhado
 ‘Ela deixou o lenço de papel molhado, ao espirrar sobre ele.’
- c. Bei Schnupfen nieste sie das Taschentuch **nasser**.
 Em gripe espirrou ela o lenço-de-papel mais-molhado
 ‘Gripada, ela deixou o lenço de papel mais molhado, ao espirrar sobre ele.’

A resultativa adjetival em (16)c, com o adjetivo modificado em grau, é boa em alemão (obviamente dentro do contexto, que no exemplo (c) é *a gripe*). Além da modificação em grau, podemos pensar em processos de formação de palavras por derivação como *infeliz* a partir de *feliz*. Vejamos mais dados (retomando algo parecido com (1)a):

- (17) a. Der Clown tanzte das Kind **glücklich**.
 O palhaço dançou a criança **feliz**.
 ‘O palhaço deixou a criança feliz, dançando para ela.’
- b. Die Tochter schrie den Vater **unglücklich**.
 A filha gritou o pai **infeliz**.
 ‘A filha deixou o pai infeliz, ao gritar para ele.’

Como mostra (17)b, uma resultativa com o adjetivo *unglücklich* (infeliz) é possível em alemão. Podemos também averiguar a ocorrência de resultativas

com adjetivos formados por meio de processos derivacionais por sufixação. O sufixo *-bar*, do alemão, forma adjetivos a partir de verbos (seria o equivalente ao *-vel* do PB). Os sufixos *-ig* e *-lich* podem formar adjetivos a partir de nomes. Tomemos então o verbo *waschen* (lavar) para formar o adjetivo *waschbar* (lavável), e adicionemos o prefixo *un-* para formar o adjetivo *unwaschbar* (não lavável). Tomemos também os nomes *der Mut* (a coragem), *der Dreck* (a sujeira) e *die Angst* (o medo), para formar os adjetivos: *mutig* (corajoso), *dreckig* (sujo) e *ängstlich* (amedrontado). Nos dados em (18), temos exemplos de resultativas com esses adjetivos:

- (18) a. Der Patient hat das Leintuch **unwaschbar** geblutet.
O paciente teve o lençol não lavável sangrado
'O paciente, ao sangrar no lençol, tornou o lençol não mais possível de ficar limpo por meio de lavagem.'
- b. Der Kapitän hat die Mannschaft **mutig** geredet.
O capitão teve o time corajoso falado
'O capitão, por meio do seu discurso, encorajou o time.'
- c. Der Gast hat seine Krawatte **dreckig** gegessen.
O freguês (do restaurante) teve sua gravata sujo comido
'O freguês, ao comer, sujou sua gravata.'
- d. Die Sitterin hat das Kind **ängstlich** gelesen.
A babá teve a criança amedrontado lido
'A babá deixou a criança com medo, lendo para ela.'

Os dados em (17)b e (18) atestam a possibilidade de resultativas nas quais os adjetivos derivados apresentam sufixos/prefixos e são formados de nomes e verbos por meio de derivação. Isso significa que, morfologia derivacional em adjetivos não necessariamente barra a formação de boas resultativas no alemão.

A pergunta agora é se, baseada nos dados (16)c, (17)b e (18), a hipótese do adjetivo *nu* nas resultativas adjetivais fracassa. Eu acredito que não necessariamente. Novamente, depende de como definimos *nu* (lembrando que Kratzer (2005) não se posicionou sobre o assunto).

Vejam a modificação em grau. Apesar de as gramáticas tradicionais tratarem a modificação em grau como um processo de flexão, Câmara Jr. (1970, p.83), ao abordar as diferenças entre flexão e derivação, afirma que "*A expressão em*

grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si”.

A questão é se grau é flexão em alemão, ou seja, se grau é obrigatório, regular e tem paradigma (seguindo os critérios em Câmara Jr., 1970). A gramática tradicional assume três instâncias de flexão nominal em alemão: caso, gênero e número, chamando-as muitas vezes de declinação. Quanto ao grau (comparativo e superlativo),²⁶ assume esse como uma forma particular de flexão. A regra é adicionar o sufixo *-er* para o comparativo e o sufixo *-st* para o superlativo.²⁷ Vejamos o paradigma em (19):

(19)	Adjetivo	Comparativo	Superlativo
	a. schön (bonito)	schöner	schönst
	b. schmutzig (sujo)	schmutzigerer	schmutzigst
	c. glücklich (feliz)	glücklicher	glücklichst
	d. naß (molhad)	naßer	naßest
	e. kalt (frio)	kälter	kältest
	f. hoch (alto)	höher	höchst
	g. wild (selvagem)	wilder	wildest
	h. groß (grande)	größer	größt
	i. dunkel (escuro)	dunkler	dunkelst
	j. teuer (caro)	teurer	teuerst
	k. viel (muito)	mehr	meist
	l. gut (bom)	besser	best

Apesar de muitos adjetivos seguirem a regra, como vemos em (a-c), notamos que precisamos de regras adicionais para dar conta dos outros dados. O uso do trema (Umlaut) é muito recorrente (e, f, h) para adjetivos monossilábicos, mas não generalizável para todos, haja vista (d). Adjetivos terminados em *-d*, *-t*, *-tz*, *-z*, *-sch* e *-ß* são caracterizados por apresentarem um *-e* antes da terminação *-sten* do superlativo, como em (g); há, no entanto, exceções, como em (h). Alguns são ditos irregulares, como (f, i, j). Outros são formados por supleção, como (k, l). Notamos, assim, que a formação com base na regra não é totalmente regular, o que por si só não invalidaria a caracterização de grau como flexão, haja vista o paradigma exemplificado em (19).

Quanto à obrigatoriedade, parece que dados a exemplo de *mais bonito*, *mais vazio*, *mais feliz* e *mais molhado* não são possíveis em alemão:

- (20) a. *mehr schön/ schöner (mais bonito)
 b. *mehr leer/ leerer (mais vazio)
 c. *mehr glücklich/ glücklicher (mais feliz)
 d. *mehr naß/ naß (mais molhado)

Assim, a única possibilidade para se expressar *mais bonito* (como comparação entre duas entidades) em alemão é por meio do sufixo *-er*. Até agora, parece que temos para a modificação em grau mais características de flexão que derivação. Mesmo assim, existem autores (como Lüdeling, 2000) que questionam a concepção de que modificação em grau em alemão seja flexional. Quanto à produtividade, a autora argumenta que determinados adjetivos não fazem sentido se modificados em grau, ou seja, parece haver uma restrição semântica para sua formação, a exemplo de (21). Igualmente, muitos adjetivos complexos não aceitam morfema de grau, como em (22). Alguns adjetivos formados derivacionalmente por prefixação em *-un* também são agramaticais em grau, (23).

- (21) a. tot (morto) / *töter (mais morto)
 b. schwanger (grávida) / *schangerer (mais grávida)
 c. leer (vazio) / *leerer (mais vazio)
- (22) a. riesengroß (enorme-grande, significando *muito grande*) / *riesengrößer
 b. affenkalt (macaco-frio, significando *muito frio*) / *affenkälter
 c. blutjung (sangue-jovem, significando *muito jovem*) / *blutjünger
- (23) a. ungut (não bom) / *unbesser
 b. ungern (não a contento) / *unlieber

Outro argumento da autora, desta vez sintático, é a possibilidade de ocorrência do adjetivo simples, do adjetivo comparativo ou do adjetivo superlativo na mesma posição sentencial, como em (24).

- (24) a. Dieses Land ist kalt/ kälter/ am kältesten.
 Essa terra é fria/ mais fria/a mais fria
- b. Das ist ein kaltes/ kälteres/ *kältest Land.
 Esse é um frio/ mais frio/ o mais frio país.
- c. Das ist das kalte/ kältere/ kältste Land.
 Esse é o frio/ mais frio/ mais frio país

Esse seria um argumento contra tratar grau como flexão, uma vez que o ambiente sintático condiciona a presença de uma categoria flexional distinta. Nos termos de Câmara Jr. (1970, p.82), uma determinada flexão é imposta pela própria natureza da frase, “*É a natureza da frase que nos faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na 1ª pessoa do pretérito imperfeito*”. Como vemos em (24), a presença do adjetivo simples não necessariamente exclui a possibilidade da presença do comparativo ou superlativo; ou seja, os termos não são exclusivos, o que colocaria em cheque a obrigatoriedade do grau em um ambiente sintático específico.

Outro fator a ser analisado na caracterização de flexão, segundo Câmara Jr. (1970), é a existência do fenômeno de concordância, ou seja, a presença de flexão desencadeia concordância em outros elementos sintáticos.

Os adjetivos modificados em grau em uso predicativo (e nas resultativas, como vimos em (16)-c) não realizam concordância de gênero, número e caso. Quando o adjetivo modificado em grau realiza concordância de gênero, caso e número, tal concordância sucede o sufixo modificador de grau. Em (25)a, podemos comparar um adjetivo modificado em grau em uso predicativo, portanto sem realizar concordância de gênero, número e caso (assim como em (16)c), com o mesmo adjetivo em uso atributivo/modificador, concordando em gênero, número e caso com o nome que modifica, em (25)b:

- (25) a. Das Taschentuch ist nasser geworden.
 O lenço-de-papel é molhado-comparativo ficado
 ‘O lenço de papel ficou mais molhado.’
- b. Ich brauche ein nasseres Tuch.
 Eu preciso um_{Acc-neutro} molhado-comparativo-Acc-neutro lenço
 ‘Eu preciso de um lenço mais molhado.’

Segundo (25), a presença do sufixo de grau em (25)a não desencadeia concordância, ao contrário do que observamos em (25)b.

Um posicionamento definitivo quanto à modificação em grau ser um processo derivacional ou flexional em alemão talvez seja precipitado e necessite maior investigação. Poderíamos, minimamente, considerar ‘flexão sob o aspecto de declinação (concordância de gênero, número e caso)’ como uma instância diferenciada de ‘flexão como modificação de grau’. O que observamos é que a declinação parece ser um processo com mais características flexionais que a comparação, uma vez que a última levanta questões quanto à obrigatoriedade,

exclusividade e desencadeamento de concordância, além das restrições de produtividade (cf. (21), (22), (23)). Um fator empírico adicional a esta distinção é o cerne deste trabalho: resultativas com adjetivos flexionados em gênero, número e caso são impossíveis em alemão, ao passo que são bem formadas as resultativas com adjetivos derivados e adjetivos modificados em grau (quer caracterizemos grau como flexão, quer como derivação).

Finalmente, os dados (17)b e (18) são casos que lançam dúvidas quanto à hipótese de o adjetivo *nu* ser de fato um adjetivo com morfologia zero ou radical *nu*: é nítida a presença de prefixo/sufixo. Todavia, assim como já mencionado para os adjetivos com modificação em grau, os adjetivos derivados das resultativas em em (17)b e (18) não realizam concordância de gênero, número e caso. Como nas línguas românicas, a concordância de gênero e número em alemão são processos de sufixação, a exemplo de (26):

(26) Ein unglücklicher Mann ist gekommen.

Um infeliz-Acc-masculino homem é chegado

‘Um homem infeliz chegou.’²⁸

Em se tratando de o adjetivo precisar ser *nu* para poder participar de uma resultativa, parece que a restrição em jogo é mesmo em relação à flexão de gênero, número e caso. Assim, dizer que o adjetivo precisa ser *nu* para poder participar de uma resultativa aparentemente quer dizer que ele não pode conter flexão de gênero, caso e número.

4. Considerações finais

Neste trabalho, procurei explorar a hipótese em Kratzer (2005) de que o adjetivo das resultativas precisa ser necessariamente *nu*, do contrário a construção é malformada. Inclusive essa seria uma hipótese para a não ocorrência de resultativas nas línguas românicas, na visão da autora, uma vez que nessas línguas os adjetivos são flexionados desde o início da derivação sintática – se não em gênero e número, pelo menos tais adjetivos teriam vogal temática.

A primeira questão que se propõe é o que de fato se quer dizer com *nu*. Dada a hipótese da autora, que contrapõe *presença de flexão a nu*, parece que *nu* se resume mesmo à ausência de traços flexionais (de gênero, número e caso). A proposta deste trabalho foi investigar, empiricamente, se de fato tal afirmação

procede, e os resultados dos diversos testes e contrastes aqui expostos indicam que sim. Quanto à não ocorrência de resultativas adjetivais em PB, parece fazer sentido o que afirma Kratzer (2005). Falta, porém, uma explicação, para além da generalização empírica exposta aqui. Para as resultativas do alemão, acrescentei neste trabalho dados novos de resultativas bem formadas com adjetivos modificados em grau e adjetivos derivados com presença de prefixo e ou sufixo além do radical. Esses exemplos parecem, para dizer o mínimo, restringir o caráter definitório de *nu*, sem, no entanto, contradizer a oposição entre *presença de flexão* (de gênero, número e caso) e *nu*.

Notas

¹ A hipótese em Kratzer (2005) de que o verbo das resultativas adjetivais é intransitivo (ou está sempre em uso intransitivo), além de vasta cobertura empírica, está em concordância com o fato de que não é possível resultativas adjetivais com verbos obrigatoriamente transitivos, como já apontado na literatura em Levin e Rappaport (1995) e Hoekstra (1988, 1992).

² Seguem dois exemplos clássicos na literatura:

- (i) Der Gärtner goss die Tulpen flach. / The gardener watered the tulips flat.
O jardineiro regou as tulipas achatado
'O jardineiro achatou as tulipas, regando-as'.
- (ii) Der Butler wischte den Tisch sauber. / The butler wiped the table clean.
O mordomo flanelou a mesa limpo.
'O mordomo deixou a mesa limpa, passando a flanela nela.'

O fato de o DP_{Acc} poder apresentar leitura de argumento interno de V em certas ocorrências de resultativas decorre da 'relação de causa'. Kratzer (2005) desenvolve a relação de causa das resultativas adjetivais (i.e relação de causação direta) em termos de cadeias causais e noções da filosofia como *dependência causal* e *causação* (cf. LEWIS, 1973). Os detalhes da análise semântica não cabem neste trabalho; remeto, para tanto, o leitor a Kratzer (2005).

³ Esta configuração ficará mais clara na figura em (3), seção 1.2.

⁴ Aqui, o argumento externo não faz parte do VP. Citando Kratzer (1996), a autora sustenta que o argumento externo não é argumento do verbo, mas sim introduzido por uma projeção funcional acima do VP, VoiceP, responsável por introduzir o papel temático de agente e checar Caso Acc. Essa proposta tem, a meu ver, semelhanças com v-leave em Chomsky (1995).

⁵ Por Identificação de Eventos (KRATZER, 1996) a autora entende um tipo de operação de conjunção por meio da qual é possível combinar várias condições para o evento descrito pela sentença. Essa operação, porém, é somente definida se os dois predicados a serem associados (*conjoined*) tiverem *Aktionarten* compatíveis. A autora entende *Aktionarten* como as restrições que predicados apresentam por serem *ações, estados, eventos propriamente ditos, etc.*

⁶ Para os detalhes do cálculo de *type shift* proposto, ver Kratzer (2005).

⁷ Poderia ser gramatical, mas com uma leitura adverbial, i.e. a maneira como a ação foi realizada, e não o estado final resultante dela.

⁸ Exemplos do inglês em Carrier e Randall (1992, *apud* Kratzer, 2005).

⁹ Dados em alemão todos eles construídos por mim com base nos exemplos em inglês em Kratzer (2005).

¹⁰ São exemplos de adjetivos que (i) podem participar da resultativa: *leer* (vazio), *platt* (achatado), *tot/ dead* (morto); (ii) não podem participar da resultativa: *exhausted* (exausto), *disgusting* (enojado), *frightening* (assustado), *angebrannt* (queimado), *geschwitzt* (suado).

¹¹ Para quem postula um item foneticamente nulo desse tipo, no entanto, pesa o ônus de mostrar algum tipo de evidência independente. Retomarei o assunto na seção 1.3. Para a denotação do item lexical, bem como toda a composição semântica, ver Kratzer (2005).

¹² Os desdobramentos sintáticos da estrutura proposta em (3) são detalhadamente discutidos em Knöpfle (2010). Relevante para o presente artigo é incorporação de A em [cause], formando um composto morfológico.

¹³ Kratzer ([2004, p.35] 2005) traz os exemplos em inglês. Os dados em alemão e a tradução para o PB são meus.

¹⁴ Em Kratzer (1996), a autora coloca que núcleos *Voice* ativos seriam responsáveis por introduzir o argumento externo e atribuir Caso Acc, e os núcleos *Voice* não ativos não introduziriam argumento externo nem atribuiriam Caso Acc.

¹⁵ Kratzer (2005) procura ainda derivar a má formação de resultativas com participios (denotando adjetivos), assumindo a formação de um composto morfológico entre [A+[cause]] e V. Knöpfle (2010) demonstra a falta de evidências empíricas para assumir tal formação.

¹⁶ Hoekstra (1988, 1992) mostra que o fenômeno também é muito produtivo no holandês.

¹⁷ Exemplos de Foltran, 1999, p.149-151.

¹⁸ Para uma abordagem comparativa das ditas resultativas do PB e sentenças estrutural e semanticamente semelhantes em alemão, inclusive testes, remeto o leitor a Knöpfle (2011).

¹⁹ Em alemão, adjetivos e advérbios de modo não apresentam distinção morfológica.

²⁰ Geuder (2002) faz a distinção entre resultativas adjetivais e resultativas adverbiais, citando como exemplo deste último tipo sentenças como: *They loaded the truck heavily* (Eles carregaram o caminhão bem pesado). Tradução minha.

²¹ Nota-se que uma sentença como *ele cortou a barba curta* poderia lançar alguma dúvida sobre a hipótese de *curto* ser de fato um advérbio, haja vista a concordância do adjetivo com o nome.

²² Exemplos de Maria Cristina Figueiredo Silva (comunicação pessoal), a quem agradeço por comentários importantes que contribuíram no desenvolvimento deste trabalho. Eventuais erros são meus.

²³ Nota-se que *-mente*, por exemplo, que é um sufixo derivacional (toma adjetivos e transforma em advérbios), claramente precisa da forma feminina do adjetivo, o que implica a presença de flexão interna ao derivado.

²⁴ (11)b é ambígua, pois ainda permite a leitura: *Eu estava feliz quando encontrei o homem*.

²⁵ Fato para o autor é que o alomorfe da raiz usado para fazer o plural contém a vogal temática, enquanto o alomorfe da raiz usado para fazer o singular não apresenta essa vogal. Adicionalmente, existe uma distinção entre *radical* e *tema*, sendo o tema o radical ampliado pelo acréscimo da vogal temática, que entra na flexão de nomes e verbos. A vantagem da concepção do tema (e da vogal temática) é inibir a confusão entre a desinência de feminino em *-a*, (como *crua*), e a vogal temática *-a*, que não é marca de gênero e está presente em nomes masculinos (como *poeta*).

²⁶ Trata-se do superlativo relativo, por meio do “(...) qual se faz referência à superioridade de uma coisa ou pessoa em relação a pelo menos mais duas outras.” (WELKER, 2001, p.167). No alemão, não existe superlativo absoluto sintético (como *meistissimo*). O superlativo absoluto é dado por meio de intensificadores como *sehr* (muito), *höchst* (altamente) e *unheimlich* (muito, extremamente), e ainda por meio de composição como *bildhüsch* (quadro-bonita, significando: *muito bonita*), *hochmodern* (alto-moderno, significando *moderníssimo*).

²⁷ Quando usado como adjunto adnominal. Neste caso, acrescenta-se ao morfema *-st* os morfemas de concordância de caso, gênero e número. Quando usado como advérbio ou na função predicativa, usa-se a forma *am* adjetivo-*sten*, como: *Er fährt am schnellsten* – ‘ele corre mais rápido’ (do que todo o mundo). Em uso predicativo também é possível o uso do artigo definido e adjetivo na forma em *-st* seguido de declinação:

Sie ist die intelligenteste – ‘*ela é a mais inteligente*’. (exemplos de Welker, 1992, p.168).

²⁸ Vale lembrar que, em PB, os adjetivos concordam em gênero e número, mesmo quando em uso predicativo: *A toalha ficou molhada! A toalha ficou molhadíssima.*

Referências

BARBOSA, J. W. C. *A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”*. 2008. 134p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes Limitada, 1970. 124p.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.

FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. 1999. 205p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 1999.

GEUDER, W. *Oriented Adverbs: Issues in the Lexical Semantics of Event Adverbs*, 2002. 220p. Disponível em: <<http://w210.ub.uni-tuebingen.de/dbt/volltexte/2002/546/>>. Acesso em: 15 set. 2009.

HAY, J. *Causes and Consequences of Word Structure*. Northwestern University Ph.D. dissertation, 2000.

HAY, J.; PLAG, I. What Constrains Possible Suffix Combinations? On the Interaction of Grammatical and Processing Restrictions in Derivational Morphology. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 22, n. 3, p. 565-596, 2004.

HOEKSTRA, T. Small clause results. *Língua* 74, 1988, p. 101-139.

HOEKSTRA, T. Aspect and theta-theory. In: ROCA, I. M. (Ed.). *Thematic structure: Its role in grammar*. Dordrecht: Foris, 1992. p. 145-174.

KNÖPFLE, A. *A estrutura sintática das resultativas adjetivais no alemão: uma proposta a partir de Kratzer (2005)*. 2010. 117p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

KNÖPFLE, A. Sintaxe das resultativas adjetivais no alemão: ‘contraexemplos’ e os dados do PB. A ser publicado na revista *Estudos Linguísticos*, v. 40, 2011.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Ed.). *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer. 1996, p. 109-137.

- KRATZER, A. Building resultatives. In: MAIENBAUM, C.; WÖLLSTEIN-LEISEN, A. (Ed.). *Event arguments in syntax, semantics, and discourse*. Tübingen: Niemeyer, 2005. Publicação eletrônica (2004). Disponível em: <<http://semanticsarchive.net/Archive/GY4ZThjZ/Building%20Resultatives.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface. *Linguistic Inquiry Monograph* 26. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995. 336p.
- LEWIS, D. Causation. *Journal of Philosophy* 70, 1973, p. 556-567.
- LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R. (Org.). *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 142-181.
- LÜDELING. *Adjektivsteigerung im Deutschen: Flexion oder Derivation?* 2000. Disponível em: <<http://www.ims.uni-stuttgart.de/lehre/teaching/2000-SS/Morphologie-Einfuehrung/wortbildung-flexion.ps>>. Acesso em: 6 abr. 2011.
- PARSONS, T. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1990. 334p.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. 2002. 137p. MIT Ph.D. dissertation, Department of Linguistics. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1993. 512p.
- WELKER, Herbert Andreas. *Gramática Alemã*. 3. ed. revista. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 476p.